

PINGOS D'ÁGUA *VERSUS* TROMBAS D'ÁGUA

Prof. Dr. José Santino de Assis*

Pesquisador do Laboratório de Fitogeografia Aplicada (LABFIT)

Maceió-Alagoas, 2010

As regiões tropicais brasileiras são potencialmente as mais vulneráveis aos extremos de inundações e de longas estiagens. Flagrantes dessa ordem estão se agravando a cada ano. A Região Nordeste tem sido um dos palcos mais vitimados por esses dois rigorosos extremos.

A primeira grande causa desse fenômeno resulta do paulatino aumento da temperatura média global. Esta que amplia o período e a intensidade das secas e proporciona os pesados e desproporcionais aguaceiros no reduzido tempo das estações úmidas.

A segunda causa se origina nos desmatamentos e na conseqüente ocupação inadequada das terras. Potencializando, com isso, a impetuosidade das catástrofes.

Assim, as águas estão sendo reduzidas a pingos porque as suas áreas de produção e de proteção, sejam das superficiais ou das subterrâneas, são ignoradas pelos desmatadores. Porquanto, sem vegetação nas zonas de recargas a infiltração das águas pluviais, que já não acontece ao longo das secas, também deixa de ocorrer durante as chuvas; levando as nascentes à extinção. E quando os desmatamentos atingem as áreas das fontes mantenedoras dos rios, a vazão deles, nas estiagens, se aproxima do zero; momentos em que as águas se reduzem aos pingos. Mas que se agiganta nos curtos períodos chuvosos; instantes em que as águas se elevam às trombas.

Impotentes em domar ou controlar esses extremos, resta-nos a heróica alternativa da adaptação a eles, por meio da manutenção da vegetação nas áreas protetoras dos mananciais. Ação que apaziguará, ao menos, as demolidoras enchentes diluvianas quando dos excessos de chuvas, e os desolamentos das secas quando das ausências delas. Aulas sobre essa matéria, quem sabe, ensinariam àqueles legisladores ainda desinformados.

(*) É Geógrafo Doutor em Organização do Espaço. Atuante no Zoneamento e na Análise Geofitoambiental para o Planejamento Territorial.